

Campo Maior

Ai campos do verde plano
todo alagado de carnaúbas.
Ai planos dos tabuleiros
tão transformados tão de repente
num vasto verde num plano
campo de flores e de babugem.

Ai rio breves preparados
de noite e nuvem. Ai rios breves
amanhecidos na várzea longa,
cabeças d'água do Surubim
no chão parado dos animais,
no chão das vacas e das ovelhas.

Ai campos de criar. Fazendas
de minha avó onde outrora
havia banhos de leite. Ai lendas
tramadas pelo inverno. Ai latifúndios.

H. Dobal



HALAN SILVA

PEDRA NEGRA



PEDRA NEGRA

HALAN SILVA

EDITORA NOVA ALIANÇA

HALAN KARDECK FERREIRA SILVA

nasceu em Campo Maior, Piauí, em 17
de fevereiro de 1970. Fez os estudos
primários na cidade natal e os
secundários em Teresina. É licenciado
em Filosofia (UFPI) e bacharel em
Direito (UESPI).

HALAN SILVA

PEDRA NEGRA

TERESINA-2012

© Halim Kardec Ferreira Silva, 2012

Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica
ALG publicidade

Capa
Amaral

Ilustrações
Olavo Pereira da Silva Filho
Amaral
Gabriel Archangelo
Narceneh Costa

Revisão
Francisco José Sampaio Melo

Impressão
Gráfica Halley

Ficha Catalográfica: Solange Hiller Hertha Santos CRB-1058

S586p Silva, Halim Kardec Ferreira.

Peça negra / Halim Kardec Ferreira Silva. Teresina : Halim
Kardec Ferreira, 2012.

104 p. : il.

ISBN 978-85-910736-2-7

1. Literatura Brasileira – Romances. 2. Literatura
Paraguense – Romances. I. Título.

CDD B869.3

Todos os direitos desta edição reservados para a Livraria e Editora
Nova Aliança. É proibida a reprodução total ou parcial deste livro por
qualquer meio ou processo, sem a autorização prévia e expressa do autor.
Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Lei 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

Livraria Nova Aliança

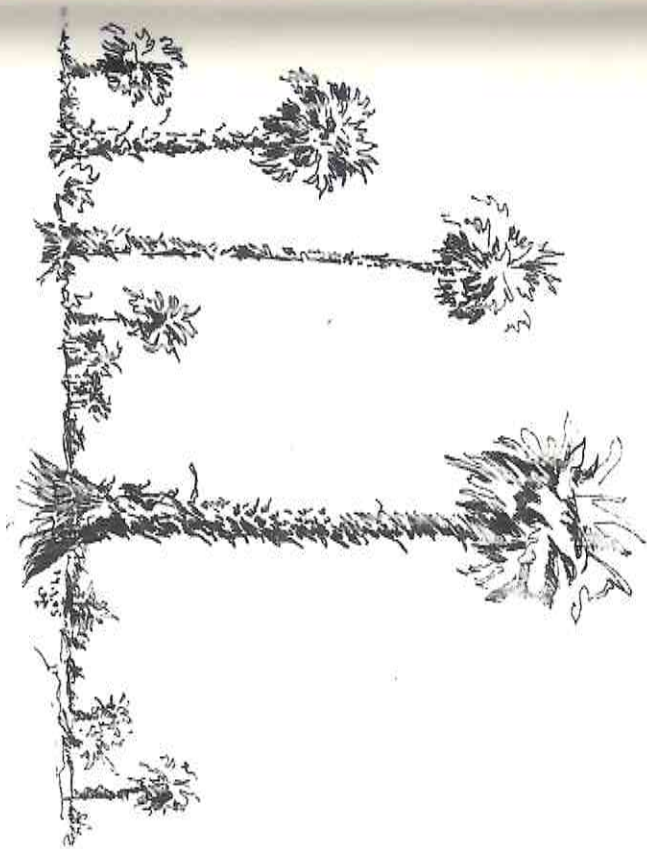
Rua Olavo Bilac, n.º 1259 - Centro
Teresina - Piauí - CEP: 64000-280
Telefone e Fax: (86) 3221.6793
e-mail: livrarinovanalianca@yahoo.com

A loucura é sagrada, a vista uma ilusão.

Heráclito, frag. 46

Para Marcos Celestino, Olavo Pereira da Silva
Filho e M. Paulo Nunes.

À Memória de H. Dobal, Francisco Pereira
da Silva, José Gomes Campos e Odylô Costa,
filho.



MAIS SORTE tem o major, que não fará o caminho de volta, foi o que disse ao sacristão padre Hermínio, no momento em que deixavam para trás o portão do Cemitério da Irmandade de Santo Antônio. Há muito padre Hermínio perdera a fé, já não acreditava nos ritos litúrgicos e nos sacramentos da Igreja Católica. Ao contemplar a estola, enxergava apenas uma faixa de tecido bordada com esmero.

Para celebrar a missa de corpo presente do major, pôs somente a alva e a casula. A nudez do morto dentro do

esquife não lhe causou espanto. Com serenidade, pediu às carpideiras para que retirassem as flores agrestes que cobriam o sexo do morto. Voltando-se para os familiares, disse:

- Se os homens, frutos do pecado original, vêm ao mundo nus, nada é mais justo, para aqueles que o deixam em pecado, partirem nas mesmas condições em que vieram.

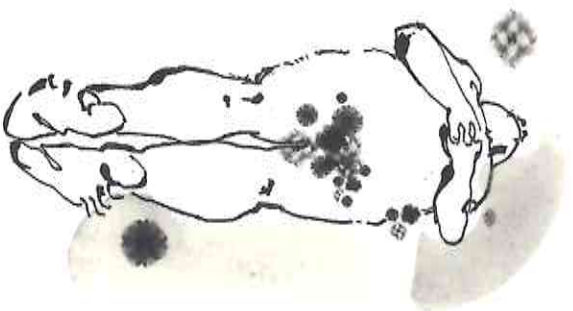
Encerrada a celebração, os carregadores entraram no salão nobre e selaram o esquife. Atrasado para o toque fúnebre, o corneteiro fora obrigado a forçar passagem por entre a gente que se amontoava em volta do defunto. Absorto na contemplação dos toucheiros de prata e do Cristo de marfim, preso a uma cruz de ébano, disposta na cabeceira da essa, padre Hermínio não escutou o toque da corneta e tampouco reparou quando puseram o símbolo da maçonaria sobre o esquife. De manhã cedo, a fim de

pedra negra

que prestasse as últimas homenagens ao maior, dona Alzira consentiu que Jerusa entrasse no prédio da antiga Intendência. Sem relaxar no decote, Jerusa entrou no salão vestida de luto. Por uma semana, manteve as portas da Zona Planetária cerradas. Nos casebres, somente os aguadeiros entraram para abastecer os potes.

A distância do cortejo não era longa, mas o cansaço e o calor daquela manhã ensolarada obrigaram o padre a se queixar para o sacristão. Ao chegar na praça Rui Barbosa, padre Hermínio surpreendeu a gente que voltava do cortejo. Tomou a decisão mais corajosa de sua vida: largar a batina para viver ao lado de Mocinha. O enterro do maior foi a oportunidade que lhe faltava para que ajustasse as contas com Deus. Pelo alto-falante da praça, confessou que forçara Mocinha a abortar o fruto de sua concupiscência.

balão elva



Paulo Silva

À PORTA de "Marte", o major esbarrrou num rapaz trombudo cuja fisionomia não lhe era estranha. Avistara-o algumas vezes, do outro lado da rua Santo Antônio, quando o rapaz encaminhava-se à Perseverança ou talvez à Lealdade. O encontro fez o major suspeitar de Jerusa, mas ela não seria capaz de tamanho desatino.

Na reconstrução das casas da Zona Planetária, que outra serviram de arrancho para os tropeiros, o major botou muitos contos de réis fora do baú. As casas multiplicaram-se, viraram

dezenas de casebres, de porta e janela, pintadas com cores chamativas, nos dois lados da rua, até próximo da cadeia pública. Só o desmembro de uma paixão faria Jerusa cometer adultério. Experimentado nos meandros do amor, o major tinha seus ardis: enganava Jerusa prometendo casar com no dia de Santa Isabel.

Distraída, Jerusa não escutou os passos do major no soalho. Há anos ele chegava de madrugada, depois que o mestre Carneiro cerrava as portas do salão de jogos. Bruscamente, o major a segurou pelo braço, cobrou explicações. Jerusa disse que o rapaz se chamava Bento, que ele lhe servia de portador para o dinheiro que enviava à mãe.

Desde que o pai a expulsara de casa, Jerusa ajudava a mãe. O velho não suspeitava de nada, dizia que o dinheiro da filha era sujo, essas cousas. Soubesse que Jerusa só se deitava com o major, não

diria tanta tolice. Ele só poderia estar louco, em pensar que a filha era uma daquelas raparigas do Largo do Pacífico ou da rua do Bandolim. A cachaca deve ter afetado o juízo dele, desgraçado.

Defronte do espelho, Jerusa se emperquitava. Desde cedo preparava a surpresa para agradar ao major. Após o cochilo, ele saltou da rede e acendeu uma lamparina sobre um tamborete de madeira forrado com sola crua. Não se sentindo à vontade diante do santo, Jerusa foi a um canto do quarto e, cuidadosamente, virou a imagem de São Gonzalo para o lado da parede. Em seguida, sem nenhum pudor, deitou-se na cama e se perdeu em intimidades com o major.

Saciado, o major foi atraído pela luz que entrava pelo postigo da janela. Levantou-se da cama e, por alguns minutos, ficou admirando a noite estrelada. A lua fazia um claro diferente, tornava inútil a luz exânime

dos lampiões da rua. Aproveitando-se da descontração do major, Jerusa saiu de mansinho e foi ao poço apanhar uma cuia d'água para o asseio.

Em cima da penteadeira de Jerusa, o major encontrou uma caçarola com nacos de rapadura e, ao lado dela, um embrulho de papel rústico. Sem chamar a atenção da amásia, deteve-se a examiná-lo. Encontrou as tais pedrinhas que, se não eram santas, certamente obraram um milagre àquela noite. Jerusa adquiriu as pedrinhas a uns ciganos que vendiam quinquilharias na feira. De longe, a cigana velha piscou o olho, atraiu Jerusa para um canto da carroçaria do caminhão. E baixinho, quase num sussurro, revelou-lhe o segredo da pedrachine. A presença dos ciganos deixava a cidade em polvorosa. Com receio de que os ciganos lhes furtassem os cavalos de campo, os vaqueiros passavam as noites em claro. As mães com filhos pequenos caíam em desespero, lembravam-se de

Gerônimo, o filho de dona Lourdes Frazão, que fora levado de Campo Maior por uma caravana de ciganos. Voltando-se para Jerusa, que despejava a cuia d'água numa bacia de cobre, o major disse que as pedrinhas eram mesmo uma invenção do diabo, pois traziam de volta a tentação do começo.

DA JANELA do sobrado, o major acompanhou a reconstrução das casas da Zona Planetária. Terminada a obra, fez chamar o pintor ao sobrado e ordenou que ele fosse escrever no frontal dos casebres, do lado esquerdo da rua, o nome dos planetas e, do lado direito, o nome das virtudes. Furioso com a provocação do major, padre Hermínio não se conteve. Encerrou a homilia da missa dominical com uma impreciação:

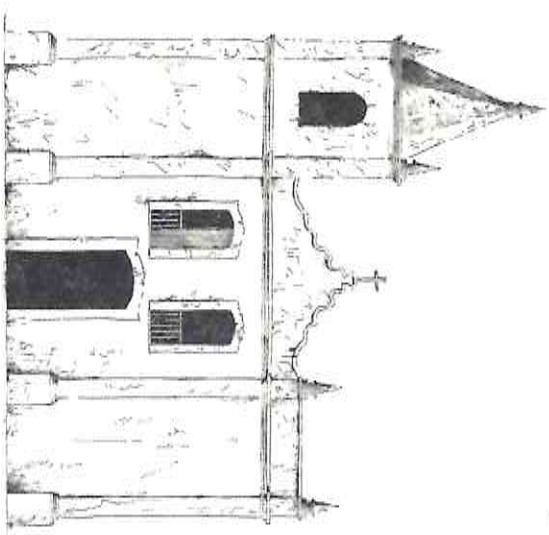
- Desgraçado! Tomara que morra tísico.

Em protesto ao gesto do major, os membros da Irmandade de Santo

Antônio puseram as opas e saíram pelas ruas de Campo Maior. O protesto terminou em frente ao prédio da Câmara Municipal. Num palanque improvisado, padre Hermínio discursou por quase uma hora. Disse que o diabo fora providente, pois fossem os casebres de palha, adotaria a mesma solução dos teresinenses: o fogo. O presidente da Câmara, que era líder dos vicentinos, prometeu empenhar-se em elaborar um projeto de lei para elevar às nuvens a taxa de localização da rua Santo Antônio.

Com o apoio do major, as raparigas instalaram-se na Zona Planetária e na Zona das Virtudes, há pouco mais de uma quadra e meia da igreja do Rosário e da Matriz de Santo Antônio. A novidade fez os fazendeiros mudarem de hábito: após deixarem o Bar Santo Antônio, passaram a prolongar a noite nos salões da Zona Planetária. Não apenas os prazeres da carne os atraíram para lá; em volta daquelas mesas e salões de jogos,

firmaram-se incontáveis negócios. Para o major, a Zona Planetária era um forte indício da prosperidade de Campo Maior. Afinal, não era à toa que as raparigas da Raimundinha Leite deixavam a capital para fazer vida na rua Santo Antônio.



Paulista, Silva

A MORTE do vaqueiro desencadeou a refrega. Ao avistar o dorso do machado sujo de sangue e o corpo de Mira estendido no chão da cadeia, padre Hermínio decidiu de que lado iria ficar: o da justiça.

Feito bicho do mato, o vaqueiro procurou refúgio acocorando-se num canto escuro da cela. Do lado de fora da cadeia, desde as primeiras horas do dia, formou-se um ajuntamento de pessoas. Ruidosa, a multidão aguardava a oportunidade de ver de perto o assassino da esposa. Após a morte de

Mira a velha alcoviteira afundou na cachaga. Com a intenção de fazê-la confessar alguma cousa, cabo Cesário a meteu na cadeia. Joró não se dispôs a colaborar com a polícia. Nem mesmo após levar uma mão de peia, ela abriu a boca.

pedra negra

No cárcere, o vaqueiro manteve-se calado. Porém, na véspera do suicídio, rompeu o silêncio. Pediu para que lhe fossem chamar o padre Hermínio. Em Campo Maior, a notícia da morte do vaqueiro foi recebida com assombro. Próvido, o major foi à casa do carpinteiro encomendar o caixão de madeira. Para evitar que suspeitassem de sua caridade, adiantou-se:

- Eu não posso consentir que o meu vaqueiro seja enterrado numa rede velha.

Embora suspeitasse da veracidade do suicídio, padre Hermínio procurou o

major para que fosse enterrar o infeliz noutra canto, lá para as bandas do Rocío. No Cemitério da Irmandade de Santo Antônio é que não poderia ser.

O segredo da confissão e a morte de Joró impediram o esclarecimento da tragédia que se abateu sobre a família do vaqueiro. Com receio de cair numa tocaia, padre Hermínio passou a ocultar uma arma de fogo sob a batina. Mocinha estranhou que andasse cabreiro, mas não imaginou que fosse capaz de portar uma arma.

Três dias

Na missa de sétimo dia do coronel Cazuza, padre Hermínio afastou-se do presbitério para estender os sentimentos aos familiares do morto. No trajeto, pisou em falso e se desequilibrou. A arma desprendeu-se da aljava e disparou, provocando um forte estampido no interior do templo. Ferida de raspão na orelha, a beata Saló foi levada às pressas para o Hospital São Vicente de Paula.

A todos na cidade, o major fez questão de dizer que o tiro não fora accidental. Que só não seguira com o finado Cazuza porque no momento do disparo havia se agachado para coçar uma frieira.

DE UMA HORA para outra, a vida de dona Alzira transformou-se num inferno. Sem que lhe fosse dado o direito de conhecer o noivo, o pai a conduziu ao altar. O incêndio da botica obrigou Pacheco a procurar os favores do major, que, em troca, exigiu-lhe a mão da filha em casamento.

O major tinha o vezo de aparecer nu diante das visitas, não respeitava sequer as senhoras do Apostolado de Maria. Com naturalidade, dizia para as visitas:

- Estou em minha casa, quem achar
ruim pode se retirar.

Embaixo da cama, ele guardava
os ossos do companheiro, um cão
perdigueiro que trouxera do Sul.
Mantinha-os ali na esperança de que
um dia lhe acompanhassem à cova.
Truculento, não admitia que as criadas
faltassem com o devido respeito,
fustigava-as com um relho de umbigo de
boi.

pedra negra

NOITE ALTA. Dona Alzira não
conseguiu pegar no sono, incomodavam-
-lhe os esturros da onça no cercado. Sem
pressa, o major levantou-se da cama e
foi até a cozinha pegar o candeeiro que
pendia de um prego fixado no limiar da
porta. Na jaula, a onça andava de um
lado para o outro, esbaforida. O major
olhou para fundo do cercado e avistou a
alma do pai recostada no balústre do
poço. Aturdido, esfregou os olhos com
o dorso das mãos e quis saber da alma
o que ela desejava. O velho Salustiano
não respondeu, apenas elevou a mão ao
olho esquerdo para retirar os vermes que

halim silva

lhe comiam a carne pútrida. Com medo da visagem, o major jogou o candeeiro no chão e voltou em desabalada carreira para o quarto. Durante o percurso, ouviu toda sorte de uivos e bramidos medonhos, mas não teve coragem de olhar para trás. Percebendo que o marido voltara assombrado do cercado, dona Alzira quis saber o que se passara com a onça, mas ele não lhe deu atenção. Manteve-se estático pelo resto da noite, olhando fixamente para um ponto na parede.

DESAPARECIDO há cinco anos, o major foi declarado ausente. Posteriormente, o juiz da Comarca de Alcântara, que era natural de Campo Maior, telegrafou para os familiares do major, informando a morte dele em um naufrágio na Baía de São Marcos. Consternados, os parentes mandaram celebrar duas missas de sétimo dia, uma na Matriz de Santo Antônio e outra na igreja do Rosário.

O major nunca esteve no Maranhão. Desde que deixou Campo Maior, viveu nos pagos do Sul. Por lá fez

fortuna e tomou parte na revolução que marchou vitoriosa no Rio de Janeiro. De volta ao Piauí, antes de seguir para Campo Maior, hospedou-se na casa do interventor. Quando soube do naufrágio, na costa do Maranhão, telegrafou para o Juiz de Alcântara, de quem era primo distante, para que informasse a sua morte aos parentes. Para a esposa, Salustiano foi enfático:

- Sem um corpo não se fala em morto.

E reiterou a promessa de dar uma surra no filho, no dia em que ele apontasse em Campo Maior. Salustiano não pode cumprir a promessa. A vaca malhada perfurou-lhe o olho esquerdo com uma violenta chifrada. Pacheco estancou o sangue, mas não conseguiu debelar a infecção que o levou à cova.

pedra negra

À MEDIDA que o engenho ficava

pronto, o major sonhava em voar por sobre a cidade e os carnaubais. Queria repetir em Campo Maior a façanha dos irmãos Etienne e Joseph Montgolfier que, em 1783, cruzaram os céus de Paris num balão de Hélio. Para homenagear seu inspirador, o padre Bartolomeu de Gusmão, batizou o engenho de Passarola. Do balão, o major contemplou os telhados do casario e os campos alagados pelo inverno.

balão silva

Quando enfim o major estendeu o envelope no chão, uns curiosos, que

cortavam caminho pelo Largo do Rosário, aproximaram-se para reparar o que estava se passando. Quarenta minutos depois de acionar a ventoinha, o envelope inflou. Com um chapéu de couro metido na cabeça, o major entrou na gôndola e ativou os cilindros de gás. Em seguida, ligou o maçarico e navegou em direção à praça Rui Barbosa, donde contornou à direita e tomou o sentido do Açude Grande.

Até ganhar os céus na Passarola, foram anos de dedicação. Isolado na escriturinha, o major virava as noites lendo compêndios de aerostática, especialmente as anotações de Afonso d'Escagnolle Taunay e Visconde de Faria. Dona Alzira não acreditava que fosse capaz de levar adiante o sonho de voar num balão de gás. Para ela, tudo não passava de um devaneio tolo, que logo seria esquecido. Somente quando chegou de Parnaíba a correspondência do agente da *The Northern Pan American*

Line, o senhor Bento Mavignier, informando que as peças do balão haviam chegado dos Estados Unidos, foi que se deu conta do quanto o marido estava empenhado na realização do sonho de voar. Devotado ao projeto do balão, o major se esqueceu da onça e dos ossos do cão perdigueiro, há anos guardados debaixo da cama.

Por volta das cinco horas da tarde, o major fez um pouso suave no Largo da Matriz de Santo Antônio, exato no lugar onde outrora ficava o pelourinho. Até ser vitimado pela febre silvestre, voava uma vez por mês pelos céus de Campo Maior. Padre Hermínio, louco pelas cousas do céu, escondia-se atrás da porta principal do templo. Pela frincha da porta, observava atentamente cada detalhe da chegada do balão.

Quando Jerusa inteirou quatorze anos, o major a convidou para voar na Passarola, mas, na hora de entrar na

gôndola, ela recuou, temia que o cesto de junco se rasgasse no ar. Vendo o balão passar rente ao campanário da Matriz de Santo Antônio, padre Hermínio ficou com uma ponta de inveja. Por um momento, pensou em pegar o dinheiro da paróquia para comprar um balão de gás igual ao do major, mas a gravidez de Mocinha o absorveu e o plano de comprar um balão foi posto de lado.

pedra negra



ACOMPANHADO do doutor Fontes, o coronel Clemente entrou no Bar Santo Antônio. Próximo do balcão, já o aguardava um comerciante de Parnaíba, representante das *Casas Moraes Santos & Cia*, que atendia pelo nome de Oliveira. Após cumprimentá-lo, o coronel foi direto ao assunto: só negociava cera de carnaúba com a *Casa Inglesa*. Vendo-os em animada palestra, Puca encostou no balcão. Deixou uma garrafa de *cognac* e três copos americanos, depois saiu capengando para o salão de bilhar. Oliveira acendeu um *elite*, soltou uma baforada, e perguntou ao coronel se

balão silva

ele havia se esquecido do destecho da febre da borracha de manicoba, em Floriano. Para enfatizar o caso, pôs-se a falar do coronel Raimundo Borges que, para não pedir falência, fora obrigado a colocar outros produtos na pauta de exportação. Em resposta, o coronel disse ao comerciante que o seu meio de vida não estava diretamente ligado à carnaúba, mas ao gado e à política. Para demonstrá-lo de contratar com a *Casa Inglesa*, Oliveira propôs pagar sessenta e cinco mil réis pela arroba de cera flor e quarenta e cinco mil réis pela arroba de cera da palha. O coronel achou a proposta razoável, mas não queria se indispor com o Clark, com quem vinha intermediando a instalação de uma usina elétrica em Campo Maior.

Vencido pelos argumentos do coronel, Oliveira se despediu e caminhou até a Praça do Relógio, onde encontrou o gerente da *Marc Jacob*, que era filho de Parnaíba. Disposto a firmar um

contrato com o major, à época o maior arrendatário dos carnaubais do Município, Oliveira seguiu para a Zona Planetária. Ao se aproximar da calçada alta, avistou o carro do major, um *Ford Deluxe*, estacionado na ponta da rua. Em Marte, Oliveira deparou o major sentado num tamborete, nu da cintura para cima, lendo, no *Jornal do Comércio*, as últimas notícias da guerra. Para o major, Hitler era a melhor saída para o mundo. Apoiando as mãos no castão da bengala, o major levantou-se do tamborete e sentiu uma dor aguda invadir-lhe o peito esquerdo. Por um momento, ficou parado esperando a dor passar. Com um gesto brusco, mandou Jerusa retirar-se da saleta. Depois comentou com Oliveira:

- Não se deve negociar diante dessa gente, custa caro.

O comentário do major provocou o riso de Oliveira, que deixou à mostra

a dentadura mal feita. Com intenção de fazer uma proposta de compra e venda ao major, Oliveira abriu a valise e retirou uns papéis de contrato com o timbre das *Casas Moraes Santos & Cia*. Frustrando-lhe a expectativa, o major pediu para que aguardasse um pouco mais, antes que quieria saber alguma cousa acerca de um americano que se hospedou na casa do José de Moraes Correia.

- O major se refere ao Mr. Herbert Johnson ?

- Sim, exato!

A par do assunto, Oliveira perguntou ao major se ele dispunha de tempo para escutar uma longa história. Sem hesitação, o major pediu-lhe para contar o que sabia acerca da passagem do americano. Enquanto colocava os papéis de volta na valise, Jerusa aproximou-se com um bule de café numa bandeja. Degustando uma xícara de café, Oliveira

pôs-se a relatar detalhes da Expedição Carnaúba:

- Mr. Johnson partiu de Milwaukee, Wisconsin, em outubro de 1935, num bimotor, um desses Sikorsky anfíbio, e entrou no Brasil pela rota das Guianas. No Pará, fez diversas incursões em busca dos supostos carnaubais da Amazônia, mas eles eram lendários. De São Luís do Maranhão, seguiu para Fortaleza, fez um pouso em Amarrão, para abastecer o avião, e pernitoiu em Camocim. Em Fortaleza, montou um laboratório, visitou os carnaubais da região e comprou terras para instalar uma fazenda. À princípio a presença de Mr. Johnson deixou os cearenses desconfiados porque eles temiam que acontecesse com a carnaúba algo semelhante ao que aconteceu com a seringueira, cujas sementes foram traficadas para as Antilhas. Acometido de uma moléstia tropical, Mr. Johnson mandou a Teresina o diretor de pesquisa da S. C. *Johnson & Son, Inc*, J. V. Steinle, que foi

recepcionado pelo capitão Jacob Manoel Cayoso e Almendra. No Piauí, Steinle visitou carnaubais na região de Amarante, Floriano e Oeiras, mas foi em Campo Maior que encontrou a melhor técnica de preparo e refino da cera de carnaúba. Recuperado da moléstia, Mr. Johnson voou para Amarração e, acompanhado do José de Moraes Correia, tomou um trole, um *Ford T*, adaptado para andar sobre trilhos, e seguiu para Parnaíba. Na estação ferroviária, recebeu a chave da cidade das mãos do prefeito. No dia seguinte, visitou o Porto Salgado e algumas casas de comércio, entre as quais a *Casa Inglesa*. Depois, atravessou o Igarçu e, a cavalo, foi à sede da fazenda do João Silva. Antes de retornar para Fortaleza, conheceu outra fazenda produtora de cera de carnaúba, a do coronel Sampaio. De Wisconsin, Mr. Johnson mandou para a região próxima de Maranguape, onde instalou uma fazenda modelo, algumas cabeças de vacas leiteiras para melhorar a nutrição das crianças.

Após escutar o relato de Oliveira, o major coçou a cabeça e disse que essa história de cooperativa e de caboclo bebendo leite ainda iria arruinar muito fazendeiro na região. Depois de um longo bocejo, Oliveira abriu a valise e, novamente, retirou os papéis de contrato. O major achou que o preço da arroba estava bom, mas impôs uma condição para o negócio prosperar: que lhe comprasse também a cera da borra. Em resposta, Oliveira disse estar interessado em comprar a borra em estado bruto, posto que o José de Moraes Correia andava com a pretensão de instalar uma usina de beneficiamento de carnaúba e de testar o uso da prensa mecânica e do dissolvente no refino da cera da borra.

DE AGOSTO A DEZEMBRO, o trabalho na fazenda era intenso: a apanha da palha, o corte, a secagem, a extração do pó, a fabricação da cera. Francisco batia na palha seca. O pó subia e se precipitava sobre um lençol branco. Na cabeça um pensamento o atormentava dia e noite, Apolônio. Apolônio que, de tanto bater palha, morreu escarrando sangue numa choça. O médico foi chamado à fazenda, examinou Apolônio. Num canto da choça, falou para o major:

- Nem Santo Antônio com um gancho dá jeito.

Os trabalhadores recusaram-se a retirar o corpo da choça. Para resolver a questão, o major foi à cadeia pública e de lá voltou acompanhado do cabo Cesário e de mais dois presos, Mão-de-Seda e o preto Sudário. Empunhando uma arma de fogo, cabo Cesário deu cachaca para os presos e ordenou que fossem retirar o cadáver da choça.

A morte de Apolônio provocou um princípio de revolta na fazenda. Para manter a ordem, o major passou a vistoriar a faina. Ao retornar do carnaubal, resolveu cortar caminho por uma solta. Na moita, onde as miunças refugiavam-se do sol, recebeu o bote certo de uma jiboia.

Quando soube do incidente do major com a serpente, padre Hermínio lamentou o fato do bote não ter sido de uma cascavel de quatro ventas. Durante a convalescência, o major se queixava de dores pelo corpo. No

pedra negra

meio de uma noite de calor intenso, acordou sobresaltado, com a sensação de que a jiboia descia pelo dossel da cama. Para acalmá-lo, dona Alzira acendeu o candieiro e sacudiu a colcha da cama. Mostrou que não havia nada no quarto, nem mesmo uma tiranaboia de inverno. Mas o major não deu crédito à esposa, passou a noite debaixo da cama agarrado a uma imagem de Santo Antônio. Quando o dia clareou, deixou o abrigo e queimou chifre de boi nos cômodos para evitar que a jiboia entrasse no sobrado.

holan silva

COM A CHEGADA dos ventos, o movimento de barcos no Porto de Amaração cessava. Carregadas de sacos de cera de carnaúba e de fardos de algodão, as alvarengas deixavam o Porto Salgado com destino ao porto do Cajueiro. Na maré alta, puxadas por rebocadores, uma a uma elas subiam o curso do Igarapé. Para encurtar a distância entre os portos, a Associação Comercial de Parnaíba, mesmo sem o apoio da União, levou adiante a construção do Canal do Guerindó. A valorização da carnaúba no mercado externo e o intenso comércio da região

impulsionavam melhorias nos meios de transportes. Incansável, o engenheiro Miguel Furtado Bacelar lutava para convencer o governo a ampliar a Estrada de Ferro Central do Piauí.

Representando os produtores de cera de carnaúba de Campo Maior, o major foi à Câmara e fez um pronunciamento. Exortou os contertâneos a seguirem a lição dos parnaibanos, que nunca esperaram pelas ações do Governo. Seguro sobre o que dizia, fez questão de lembrar que a urbanização de Parnaíba foi bancada pela Associação Comercial. E que os bangalôs da Rua Grande compriam aos visitantes mais requintados. Motivado pelo discurso do major, o prefeito pediu a palavra e anunciou que, em breve, iria implantar o serviço de abastecimento d'água e expulsar os pobres do centro de Campo Maior.

AO SE APROXIMAR do prédio da antiga Intendência, onde os bisavós foram mortos pelos patriotas extremados, dona Florzinha desceu do passeio público e cobriu o rosto com o lenço de madrepérola, de maneira a não poder enxergar o interior da intendência. Sujeitava-se a essa aflição sempre que se dirigia à pagadoria do Município para receber o estipêndio de professora primária. Sozinha no mundo, lastimava-se da vida que levava:

- Sinto-me como uma abelha sem cortiço.

Ao fazer o caminho de volta, apanhou-se pensando nos alvires do coronel Clemente e na debandada dos pombos. Para dona Florzinha, a retirada dos pombos fora um sinal de mau augúrio. Mas o coronel, ao contrário da esposa, não ligava para as superstições do povo. Por essa razão, encarou com naturalidade a fuga dos pombos, que deixaram para trás uma porção de ovos e ninhegos.

Na véspera de viajar para o Rio de Janeiro, o coronel Clemente recebeu a visita do doutor China. Após uns accertos políticos, o médico recebeu-lhe analgésicos para as dores de cabeça. Na véspera da cirurgia, o coronel abriu a gaveta da cômoda e retirou uma fotografia da Santana, que mostrava os carnaubais e a silhueta da serra no horizonte. No íntimo, alguma coisa lhe dizia que não voltaria mais àqueles campos onde costumava cavalgar nos fins de tarde.

Depois de vender a Santana para o major, dona Florzinha passou a se desfazer dos encheimentos da casa da rua Direita. Do mobiliário antigo, afora os baús de folhas que herdou da avó, restaram a cama de dossel, a cômoda de jacarandá da Bahia e a penteadeira de três espelhos. Sem a mobília, a casa ficou mais espaçosa. À noite, os morcegos desciam em voos rasantes da cumeeira da casa. Dona Florzinha já não se incomodava com a presença deles. Para afugentar essas estranhas criaturas, o coronel costumava por um couro de guaxininim entre os caibros do telhado.

Numa noite aziaga, dona Florzinha acordou com a sensação de que o coronel andava pela casa. Desperta, ouviu pisadas de botas na lajota do corredor e o tilintar de esporas. Após recobrar o sono, acordou com o relincho do cavalo do lado de fora da casa. Para reparar o que estava sucedendo, levantou-se da cama e, arrastando os chinelos, foi à janela que

dava para o Largo da Matriz de Santo Antônio. Ao abrir uma das rótulas da janela, recebeu uma lufada de vento frio no rosto. Era a cruviana que soprava das campinas. No mesmo instante, uma rasga-mortalha cruzou o céu, solhou um graso de agoiro e pousou na torre da igreja. De volta à cama, um frio medonho enregelou-lhe o corpo esgalgo. Dona Florzinha passou a noite em claro, rezando para aquietar as almas do outro mundo.

DEVIDO aos entojos de Mocinha, padre Hermínio resolveu abrigá-la na casa paroquial. Para evitar comentários maldosos, justificou-se para as beatas. Alegou tratá-la de uma moléstia contagiosa e que, somente sob a proteção de um ministro de Deus, ela teria esperança de cura. Pensando na justificativa, o major deixou a novena com uma pulga atrás da orelha. Tinha convicção de que o padre mentira descaradamente.

Os dias passavam devagar. Mocinha ansiava ter a criança no colo,

padre Hermínio entrava em desespero. À noite, os entojos de Mocinha intensificavam-se, ela botava para fora tudo o que levava à boca.

Ao fazer a sesta, padre Hermínio dormitou na cadeira de balanço. Sonhou que estava na Zona Planetária, e Jerusa, aos prantos, estendia-lhe as mãos sujas de sangue. Ao despertar da soneca, teve uma ideia súbita. Correu à escrivania e pôs-se a escrever um bilhete. Aos berros, chamou o sacristão e ordenou que ele fosse à Zona Planetária entregar o bilhete à Jerusa. Pasmado com a ordem que recebera, o sacristão negou-se a por os pés na rua do pecado. No entanto, um puxão de orelha e um sonoro sem-vergonha o puseram a caminho da Zona Planetária.

No confessional, padre Hermínio suplicou à Jerusa para que lhe ajudasse a realizar um aborto. Ela hesitou um pouco, mas, à noite, Bento apareceu na

Casa Paroquial com o chá de paulista. Curiosamente, como se tivesse obrado um milagre do céu, os entojos de Mocinha haviam cessado. Aflito, padre Hermínio dirigiu-se ao quarto em que Mocinha repousava. Perguntou-lhe se não estava disposta a tomar um chazinho para evitar que os entojos voltassem. Sem muito pensar, ela acedeu. Como o chá fosse amargo, sorveu-o em pequenos goles.

Apunhalada pelas costas, Mocinha reagiu com histeria. Num gesto de desaprovção, padre Hermínio meneou a cabeça e mandou que ficasse calada, do contrário usaria seu prestígio para interná-la num hospício em Fortaleza, de onde não sairia nunca mais. Abalada, Mocinha voltou a viver na rua do Sol. Vítima de mexericos, sofria horrores. As beatas diziam que a pobre estava tísica, que contrária o mal de São Lázaro.

Durante o tempo em que Mocinha permaneceu na Casa Paroquial, padre

Hermínio hospedou a sobrinha na casa do coronel Clemente, padrinho de Manoela. A saída dela foi providencial, pois, do contrário, não teria conseguido ocultar da sociedade a gravidez de Mocinha. Em casa do padrinho de Manoela, a conversa era uma só, a chegada de Antônio. Comentavam que o rapaz era culto, que estudou no estrangeiro e tinha formatura. Para afastar o enfado das noites de calor, Manoela, ao bandolim, acompanhava o padrinho. O som da flauta do coronel espalhava-se pelo ar, enchia de música o Largo da Matriz de Santo Antônio. Os vizinhos sentavam à calçada para apreciar as valsas, as mazurcas e os chorrinhos do coronel.

ENTRE AS MAIORES atrações do Circo Quixadá, a cabra que fumava cachimbo, o palhaço Porroca e a jovem Stephânia que executava os passos da rumba. Ao som de um pandeiro, os emboladores abriam as noites de espetáculo. Com ansiedade, a plateia aguardava a atração apalavrada para a última noite do circo: o cavalo que descomia dinheiro. Na véspera do circo levantar o empanado, o cavalo adoeceu gravemente e, mais uma vez, não pode se apresentar. A plateia, foi recompensada com duas atrações nunca vistas em Campo Maior: o

homem que cuspia fogo e o cearense de três pernas.

Como fosse a segunda atração imprópria, as mulheres aguardaram do lado de fora com as crianças. Atrás do pequeno biombo, o cearense ficou exposto à curiosidade da plateia, que fez fila na entrada do picadeiro. De cima do estrado, padre Hermínio tomou um tremendo susto, benzeu-se e soltou um esconjuro-te satanás. O prefeito, pior do que São Tomé, negou-se a acreditar no que acabara de ver. Doutor Fontes, que passara por diversas comarcas, afirmou nunca ter visto algo que se pudesse comparar. E observou que, se o inglês Charles Darwin tivesse conhecido o cearense, teria revisto sua teoria bioevolucionista, e o macaco perderia o *status* de ancestral do homem para um animal muito comum nestas campinas de capim mimoso. Impressionado com o dote do cearense, o major o convidou para visitar a Zona

Planetária, prometeu arcar com a despesa, mas ele recusou. Em resposta à proposta do Major, disse:

- Não me aprez molestar àquelas pobres mulheres.

Após os espetáculos, Stéphânia costumava receber visitas em sua tenda. Procurando agradá-la, o Major a obsequiou com um corte de tecido inglês e um pingente de pedra ametista, extraída da lavra de Batalha. O prefeito a cortejou com uma piteira francesa, com o "S" de Stéphânia trabalhado em ouro branco. Encantado com a beleza da dançarina, padre Hermínio propôs tomar-lhe a confissão na tenda. Desconfiada das intenções do padre, ela desconversou, fazendo-se passar por desentendida.

Contrariado com a rejeição de Stéphânia, padre Hermínio convocou a Marujada para fazer uma apresentação

no Largo da Matriz de Santo Antônio, na mesma hora do espetáculo circense, mas apenas uns meninos que voltavam do circo apareceram por lá. No sermão da missa dominical, amparado nas palavras de Santo Agostinho, que condenou o teatro em *Confissões*, ele atacou o circo. A pregação pouco influenciou os fiéis, que continuaram se deslocando para o local onde o circo estava armado. Os mais humildes, que não dispunham de dinheiro para a entrada, disputavam um lugar na copa das árvores próximas ao circo. Durante o dia, não se falava de outro assunto na cidade: o circo. Os homens, especialmente os mais velhos, não se cansavam de elogiar a formosura e o talento de Stephânia, que prometeu, para a próxima temporada, apresentar-se com uma serpente de três metros e meio. Porém, um mês após a partida do Circo Quixadá, correu em Campo Maior a notícia da morte de Stephânia, vítima da serpente.

NO PASSADO de Mocinha, pendia uma mancha de amor. Ela fora desonrada por um hóspede da Pensão Olinda, que desapareceu no meio da noite sem deixar rastro. No quarto do forasteiro, ficou apenas o cadeado da mala do tejo e um cartão semiapagado onde, com muito jeito, dava para se ler as credenciais do malfazejo: "Abdoral Leite, dr. Raiz".

Apesar do acontecido, Mocinha estava disposta a permanecer em Campo Maior, pois não era do seu agrado a vida que levava em Marvão. Para não deixar a cidade, só via uma saída: casar-se com

um fazendeiro. Temendo a fúria do pai, Mocinha procurou os auspícios de padre Hermínio. Somente com o testemunho dele, estaria à salva do pior dos castigos humanos - o desterro.

Na confissão de páscoa, Mocinha revelou desejos e sonhos eróticos perturbadores. Não deixou de contar um só detalhe, por mínimo que ele fosse. Após ouvi-la em confissão, padre Hermínio aplicou uma penitência severa, que ela achou por bem não cumprir.

Desconfiado das confissões de Mocinha, padre Hermínio passou a observá-la durante as missas. Viu nela a própria tentação do demônio. Contudo, após uma confissão de Mocinha, tomou uma decisão inesperada: pediu para que ela o aguardasse no cochilo da sacristia.

No interior do templo, o estrondo de um trovão assustou um grupo de beatas que rezavam o rosário numa

das orlas de bancos da nave central. Receando a forte chuva que ameaçava despencar sobre Campo Maior, as beatas foram embora sem concluir o rosário. O sacristão, sem se dar pela presença de Mocinha na sacristia, cerrou as portas do templo e saiu apressado, temendo que a chuva o alcançasse antes mesmo de cruzar a ponte de madeira do Surubim.

A sós com padre Hermínio, Mocinha consentiu que ele a tocasse nos seios. Ousado, padre Hermínio abriu a arca de paramentos, apanhou umas peças e, com elas, improvisou uma cama no chão da sacristia. Com o passar do tempo, os encontros do casal tornaram-se frequentes. Para não chamar a atenção dos fiéis, padre Hermínio possuía Mocinha no coro e na sacristia. Durante os fins de semana, às escondidas, eles se encontravam na capelinha do Cemitério da Irmandade de Santo Antônio.

Ao exalar o extrato de jasmim da beata Generosa, Mocinha passou mal na fila da comunhão. Ao vê-la semidesfalecida no corredor da nave central, padre Hermínio interrompeu a celebração do ofício, mandou os fiéis embora e providenciou um copo d'água com açúcar para Mocinha.

Na Casa Paroquial, Mocinha revelou o motivo do seu aparente mal-estar: aguardava um filho. Desesperado, padre Hermínio soltou um grito pavoroso e esmurrou a parede até machucar os punhos. Compungida pelo padre, Mocinha chorou desesperada. Com a voz agastada, ele disse que a sua gravidez significava o fracasso de uma vida doada ao sacerdócio. Na cabeça do padre só havia incertezas. Desse peito, só uma cousa estava clara: a gravidez de Mocinha pôs uma pedra no sonho de padre Hermínio - a mitra. Em seguida, após um longo suspiro, ele a conduziu até

a porta da rua e pediu para que ela fosse em casa apanhar umas mudas de roupas, pois desejava hospedá-la por uns dias na Casa Paroquial.

COM A INTENÇÃO de livrar-se deles, o doutor Fontes folheou os processos e os largou na desordem da mesa do Fórum. Apoiando-se no resguardo da janela, olhou para o céu e observou que já as garças voltavam para os ninhais da beira do açude. Atrasado que estava, cuidou de apressar o passo em direção à praça Rui Barbosa.

No Bar Santo Antônio, encontrou o coronel Clemente jogando cartas com o sobrinho. À luz de um candeeiro de opalina, ficaram os três conversando sobre política. Animado

pela bebida, o coronel assegurou como certa a vitória do brigadeiro Eduardo Gomes em Campo Maior. Sem se dar conta de que a mesa ao lado estava repleta de pessedistas, deixou escapar que o presidente da UDN, Otávio Mangabeira, acenou com a possibilidade de um comício do brigadeiro em Campo Maior. Tudo estava a depender de uma resposta do Secretário-Geral do partido, Virgílio de Melo Franco.

Como fosse antevéspera do dia 13 de março, o doutor Fontes fez questão de ler para os amigos o discurso que lhe fora incumbido pelo prefeito. Todo ano, desde que assumira o mandato, ele o encarregava de elaborar o discurso cívico para a sessão solene na Câmara. No final da tarde, após o desfile dos estudantes, padre Hermínio encerrava as comemorações da batalha com uma missa campal. Encantado com o próprio discurso, o doutor Fontes empostou a voz e leu o trecho em que relatava

minúcias do episódio da Batalha do Jenipapo:

Tudo começou quando o Brigadeiro Manoel de Sousa Martins e o capitão Manoel Pimenta de Sampaio denunciaram uma conspiração para mudar a ordem política da província. O líder da conspiração, Antônio Maria Caú, pretendia depor o governador Elias José Ribeiro de Carvalho e instalar uma junta provisória, da qual seria presidente o cirurgião Francisco José Furtado e membros, ele, Antônio Maria Caú, e o tenente Egídio Costa Alvarenga. Fracassada a conspiração, os líderes ficaram impunes. Porém, no dia 12 de maio de 1821, Antônio Maria Caú, que continuava conspirando, sofreu um duro golpe: perdeu a função de escrivão da junta da fazenda, sendo, em seguida, preso e deportado para a vila de Parnaíba, onde faleceu no dia 1º de março de 1822. No dia 24 de outubro de 1821, no Paço do Conselho da Cidade de

Oeiras, sob a regência do Ouvidor-Geral, o dr. Francisco Zuzarte Mendes Barreto, o governador foi deposto e instalado um governo provisório. Portugal, por sua vez, não reconheceu o governo provisório. O Ministro da Marinha e Ultramar mandou eleger outra Junta e nomeou o Comandante das Armas da Província, o brigadeiro Manoel de Sousa Martins, para exercer provisoriamente o governo. No dia 7 de abril de 1822, foi eleita e empossada a Junta do Governo. O brigadeiro Manoel de Sousa Martins, por uma articulação dos seus adversários políticos, foi preterido do poder. Aproveitando-se de que o brigadeiro achava-se reformado, a nova junta nomeou para o Comando das Armas da Província, o tenente-coronel Joaquim de Sousa Martins. Em 17 de setembro de 1822, após a notícia de uma conspiração em Campo Maior, a Junta do Governo fez chamar a Oeiras o acusado de liderar a conspiração, o sr. Lourenço de Araújo Barbosa. Para conter os ânimos, o major

João José da Cunha Fidié foi mandado para Campo Maior com o destacamento de Marvão. No dia 19 de outubro de 1822, sob a liderança do juiz de fora de Parnaíba, dr. João Cândido de Deus e Silva, e do coronel Símplicio Dias da Silva, Parnaíba aclamou dom Pedro imperador do Brasil. No dia 12 novembro de 1822, a fim de barrar a ação dos patriotas, o major Fidié partiu de Oeiras para Parnaíba. No dia 25 de novembro de 1822, ele entrou em Campo Maior. Antes de seguir para Parnaíba, deixou nessa cidade, sob o comando do tenente-coronel José Antônio da Cunha Rebelo, um destacamento com cem granadeiras e duas peças de campanha, e ainda fez chamar em Jerumenha o tenente Egídio da Costa Alvarenga, comandante de uma companhia do primeiro regimento de cavalaria. No dia 7 de dezembro de 1822, Fidié despachou, em demanda a Parnaíba, uma parte de sua tropa. No dia seguinte, marchou para Parnaíba. No dia 17 de dezembro de 1822, ele entrou em

Parnaíba com o efetivo de 380 praças. Sabendo da aproximação de Fidié, os patriotas deixaram Parnaíba e se refugiaram em Granja, no Ceará, ficando aquela cidade deserta. Para enfrentar os patriotas, Fidié contava com o apoio do Maranhão, que lhe prometera enviar o Brigue de Guerra Infante D. Miguel e mais um navio mercante para servir de hospital de sangue. O brigue de guerra, sob o comando do capitão Francisco de Salema Freire Garção, ficou estacionado à noventa milhas de Parnaíba, na embocadura do rio Tutóia. Em Sobral, Leonardo de Carvalho Castelo Branco uniu-se a Francisco de Miranda Osório e de lá seguiram para Piracurua, quando no dia 22 de janeiro de 1823 proclamaram a independência do Brasil. Em 24 de janeiro de 1823, Oeiras aderiu à causa dos patriotas, assumindo o governo da província o brigadeiro Manoel de Sousa Martins. Com o intento de restabelecer a ordem política em Oeiras, Fidié deixou Parnaíba. Com a movimentação dele,

veio do Ceará uma força comandada pelo alferes Manoel Abranches Paes, que se uniu às tropas de Leonardo de Carvalho Castelo Branco e à de Luiz Rodrigues Chaves. Nesse mesmo dia, foi preso o vigário João Manoel de Almendra, que era leal à causa de Portugal. No dia 1º de março de 1823, chegou em Valença, vindo de Inhamuns, Ceará, o coronel João Araújo, com trezentos praças de cavalaria relativamente armados. Quando a força de João Araújo entrou em Campo Maior, Leonardo de Carvalho Castelo Branco havia saído para explorar um ponto de passagem para a província do Maranhão. Em Porto de Repartição, distrito de Brejo, Leonardo de Carvalho Castelo Branco foi traído pelo capitão Antônio José Correa, comandante do Porto Militar de Repartição, que o mandou preso a São Luís do Maranhão. As tropas de João Luiz Chaves uniram-se às do capitão João da Costa Alecrim, que veio do Estandado com o baiano Salvador Cardoso de Oliveira e Pedro

Francisco Martins. No amanhecer do dia 13 de março de 1823, no largo da Matriz de Santo Antônio, uniram-se às tropas em torno do capitão Alexandre Neri Pereira Nereu, que comandava a tropa de cearenses. A batalha começou às 9h e terminou por volta das 14h. O saldo de baixas é incerto, estima-se que foram 16 praças, além de um alferes e de um sargento, do lado de Fidié, e cerca de 200 praças, entre mortos e feridos, do lado dos patriotas. O capitão Manoel Martins Chaves, ferido em combate, sucumbiu nas cercanias da cidade de Caxias. A tropa de Fidié era composta de 1600 homens e a dos patriotas de cerca de mil e tantos homens. Em Campo Maior, após o desfecho da Batalha do Jenipapo, estabeleceu-se um clima de medo e desordem. No largo da Matriz de Santo Antônio, Joaquim Bento Pereira e seu irmão Félix, secundados pelo cabra Eufrásio, declararam morte aos Marinheiros. Em seguida, foram à cadeia e mataram nove portugueses, que

ali se achavam encarcerados. Tomados de fúria, esfaquearam um português sexagenário, que há muitos anos vivia em Campo Maior. Após cansativa perseguição, no lugar conhecido por Boqueirão da Serra, mataram oito portugueses. Dessa investida, escaparam o vigário João Manoel de Almendra e um brasileiro cujo nome se perdeu no tempo. No dia 16 de março de 1823, Fidié deixou o Estanhado e seguiu para Caxias. Desamparado pelo Maranhão e pelo Pará, capitulou no dia 1º de agosto de 1823. Preso de guerra, Fidié entrou em Oeiras no dia 5 de novembro de 1823 e, mediante uma subscrição local, foi recambiado para a cidade do Rio de Janeiro.

Após a leitura do discurso, o doutor Fontes convidou Antônio e o coronel para visitarem o rio Jenipapo e o local da batalha. No dia seguinte, ao se aproximarem do cemitério do Batalhão, avistaram um corrupção pousado num

arbusto e, mais adiante, uns vaqueiros que conduziam uma rês encaretada. Do tempo da guerra, restavam apenas uns canhões de campanha e umas sepulturas de pedra-de-jacaré. De voltava a Campo Maior, logo após a passagem do rio Pintadas, o doutor Fontes manobrou o *jeep* para a esquerda e seguiu à fazenda Tombador, local em que o major Fidié acantonou com a tropa.

PASSAVA das duas horas da tarde, quando o ônibus de Zezé Paz entrou na Praça do Relógio. Fatigado da viagem, padre Moreira pôs a bagagem no chão e ficou parado, olhando os passageiros desembarcarem. Para escapar do sol, abrigou-se à sombra de um oitizeiro. Às quatro horas da tarde, frei Heliodoro apareceu para apanhá-lo. Enquanto o chofer colocava a bagagem na traseira do *Jeep*, frei Heliodoro pôs-se a examinar a carta de apresentação. Reconhecendo o sinete da diocese e a assinatura de dom Severino, o frei devolveu a carta e pediu desculpas ao padre Moreira. A

desconfiança de frei Heliodoro tinha um motivo: a passagem de um falso padre em Campo Maior.

Com uma carta de recomendação assinada por dom Felipe Conduru Pacheco, padre Gaspar apresentou-se na Casa Paroquial. O destino dele era Livramento, mas a cerração daquela noite invernosa o fez demorar em Campo Maior. Envolvente, cativou a todos na cidade, pois raro era o dia em que não lhe ofereciam um almoço ou um jantar. Até o major, que não era achegado à gente de batina, costumava sair com ele para caçar nambus no sopé da serra.

Quando não passava no Bar Santo Antônio, padre Gaspar ficava até tarde da noite jogando gamão com padre Hermínio. Para agradar as beatas, que volta e meia passavam na Casa Paroquial, ele contava minúcias dos supostos dias em que privou da companhia de dom Felipe no seminário de Olinda. Sem

pedra negra

que ninguém desse fé, padre Gaspar saía todas a noites para dormir com Mocinha que, ao se deitar com ele, enxergava a figura de padre Hermínio. Ela estranhava apenas o timbre da voz, que lhe parecia um pouco mais grave.

Durante uma partida de gamão, padre Gaspar pôs uma droga desconhecida na bebida de padre Hermínio, que caiu num sono profundo. De posse da chave da arca da paróquia, surripiou todo o dinheiro arrecadado durante o festejo de Santo Antônio. De manhã cedo, antes de partir, passou na Matriz de Santo Antônio e furtou tudo o que podia levar na garupa do cavalo cardão. Das jóias da igreja, só deixou a âmbula e a patena, mas antes as tivesse levado. O desgraçado urinou na âmbula e depois a guardou no sacrário. Inocente, o sacristão ainda o ajudou a colocar os alforjes na garupa do cavalo. Cabo Cesário, acompanhado de dois praças, saiu no encalço dele, mas ao tê-lo em mira, na altura da Chapada

Helian silva

do Urubu, a arma não disparou. Fazendo troça de cabo Cesário, padre Gaspar riu e gritou com toda a força dos pulmões:

- Deus é grande, mas o mato é maior.

Os praças, acostumados a caçar por aquelas bandas, ficaram atordoados, sem saber nem mesmo o rumo de casa. Chegaram três dias depois, estropiados e sem os animais de montaria. Desmoralizado, cabo Cesário relatou para o major que padre Gaspar estava encabojado, que ele ficou invisível ou se transformou num daqueles cupinzeiros da chapada.

A muito custo, o enfermeiro do Baralhão Ferroviário conseguiu despertar padre Hermínio. De todos os lados, chegavam notícias de padre Gaspar, que fora visto entrando no Estanhado, em Marvão, em Jerumenha, em Piracurica, em Feitorias, no Retiro

da Boa Esperança, em Parnaguá, em Humildes, em Matões, em Porto Alegre, nos Altos do João de Paiva.

Padre Moreira tinha pela frente uma grande missão em Campo Maior: fundar um ginásio e fortalecer a catequese. Afeita ao padre Hermínio, a comunidade custou a acreditar no trabalho de padre Moreira, que passava as tardes no Hospital São Vicente de Paula, levando, numa teca de prata, o sacramento da comunhão para os viáticos. Padre Hermínio recuperava-se bem. De quando em vez, pegava-se pensando nos encantos de Mocinha. Incansável, frei Heliodoro trabalhava com fervor, organizando leilões para recuperar o dinheiro furtado da paróquia.

APÓS A FUGA de padre Gaspar, Mocinha apareceu grávida. Para evitar a reação de padre Hermínio, ausentou-se de Campo Maior por um tempo. A gestação foi tranquila, sem os terríveis enjoos da vez passada. Na hora do parto, teve o auxílio de Teresinha, a prima que morava na Pedra Negra.

A criança nasceu saudável, mas oito dias após o natalício amanheceu semimorta. Na esperança de salvá-la, Teresinha fez chamar Damiana na Roça Velha. A preta rezou na criança, deu cachimbadas e a benzeu com um

raminho de arruda, mas não adiantou, não era quebranto.

Sem notícias de Mocinha, padre Hermínio andava iracundo. Quando soube que ela se achava de resguardo, descontrolou-se e destruiu as parreiras que, durante anos, cultivara com zelo. Valendo-se do negrume da noite, padre Hermínio foi à beira do Surubim e, no oco de um tronco de tamboril, invocou a cobra preta:

- Sinhá minha avó, quer leite?

- Quero, meu neto, diz-me onde que eu vou buscar no peito.

- Vai lá na Pedra Negra, minha avó, que lá tem leite.

Com a criança no colo, Mocinha caía num sono letárgico. A cobra preta descia pelo punho da rede, colocava a ponta do rabo na boca da criança e sugava o leite no peito de Mocinha.

Durante sete noites, a cobra preta a visitou. Mocinha cumpriu o resguardo com rigor: banhou-se em água morna, tomou caldo de cana, comeu canja de galinha e perfumou os cueiros da criança com incenso de alfazema. Ninguém na Pedra Negra soube explicar o que se passara naqueles dias, só sendo um castigo dos céus.

Após enterrar a criança, Mocinha chorou três dias pelo filho morto. Depois não derramou uma só lágrima. De volta a Campo Maior, evitou a presença de padre Hermínio. Para se vingar de Deus, que lhe tirou o filho recém-nascido do colo, jurou nunca mais olhar para o céu. Padre Hermínio bem que tentou demovê-la de andar de chapéu e de cabeça baixa, mas não obteve sucesso.

A visita da cobra preta comprometeu a saúde de Mocinha. Os seios definharam, impossibilitando-a de amamentar novamente. Vendo o estado

de saúde da prima agravar-se, Teresinha fez uma prece para Santa Águeda de Catânia. Dependente da comisseração de padre Hermínio, Mocinha passava os dias no fundo da rede, recitando um provérbio antigo:

“Marvão, Marvão! Ai dos que lá vivem, tristes dos que lá vão!”

PADRE HERMÍNIO conheceu Rudolf no Seminário da Prainha, em Fortaleza. Rudolf era um missionário alemão mais devotado à observação astronômica do que à religião. Uma cousa nos nortistas o deixava intrigado: o desaparego dos cearenses pelas cousas do céu.

Logo que assumiu a paróquia de Campo Maior, padre Hermínio tentou cultivar o gosto pela observação astronômica. Refratária, a juventude demonstrou-se mais interessada pelas rinhas de canários, pelas corridas de cavalos na Baixa e pelas raparigas da

Zona Planetária. Displícetes, os jovens não ligavam nem mesmo para o balão do maior.

No dia de sua ordenação, padre Hermínio teve uma grata surpresa: recebeu de Rudolf um telescópio alemão, próprio para viagens pelo campo. Para observar os astros, fazia as desobrigas coincidirem com as fases de lua nova. Acompanhado da sobrinha, ficava no campo até a alva. No mês de julho, a fim de se proteger do frio das campinas, carregava consigo uma garrafa de vinho licoroso.

Em frente ao Largo do Rosário, padre Hermínio apontou para a Ursa Maior e revelou curiosidades do céu. Disse que a noite é um acidente não extensivo a outros mundos e que a terra é um pequeno globo suspenso na Via-Láctea. Explicou que as estrelas são sois brilhantes afastados da terra por distâncias inconcebíveis e que, mesmo

a luz viajando a 300.000 km/s, há delas que continuam sendo visíveis milhares de anos após terem desaparecido. Padre Hermínio confessou à sobrinha que a maior certeza da existência de Deus que encontrou não está nas escrituras sagradas, mas no cosmos.

Atenta às explicações do tio, Manoela quis saber o lugar do homem na ordem do universo. Padre Hermínio respondeu que o homem, do mesmo modo que as estrelas e os astros que brilham no céu escuro, é parte da Via-Láctea, mas com uma distinção: o homem, pela faculdade de pensar, é um microcosmos.

De posse do telescópio, Manoela não encontrou dificuldade para localizar os astros. Sem embaraço, discerniu os pontos luminosos como as estrelas e os discos, de bordas definidas, como os planetas. Às primeiras horas da alva, padre Hermínio focalizou a ocular no

mais belo dos planetas, Saturno. Após observá-lo atentamente, Manoela afastou o telescópio, respirou fundo e rematou:

“Sem Deus, o céu não seria possível.”

pedra negra

POUCO ANTES da missa de ramos, padre Hermínio apanhou umas almofadas e descansou o corpo no banco da sacristia. Pensativo, lembrou-se do dia em que tachou Zeferino de epicurista dos infernos e das vezes em que se benzeu ao cruzar com ele na rua que dava para o jornal *Bitorocara*.

balão alva

Impedidas de entrar na igreja, as raparigas assistiram à missa do lado de fora. Somente na Quinta-Feira Santa, padre Hermínio relaxava o cânon: elas entravam no templo para a cerimônia do lava-pés. Após a bênção dos ramos,

pedra negra

padre Hermínio remiu sua grande culpa: mergulhou o aspersório na caldeira e aspergiu jatos d'água benta em Zeferino. Em seguida, de posse do turbulo, deitou três ductos de fumaça de incenso por sobre os ombros dele que, pasmado com o acatamento, prostrou-se em contrição.

Com a delação do Major, padre Hermínio não escaparia da acusação de Quinta Coluna. Para evitar-lhe a prisão, o carteiro amanheceu à porta da Casa Paroquial. Ao vê-lo na calçada, andando de um lado para outro, padre Hermínio suspeitou que algo não ia bem:

- O senhor por aqui tão cedo! A que devo a honra da visita?

Sem responder, o carteiro abaixou a vista e esfregou as mãos uma na outra. Apontando para a sala de visita, padre Hermínio o convidou para entrar. Não sabendo por onde iniciar a conversa, o carteiro foi direto ao assunto:

- O senhor, padre Hermínio, está na iminência de ser preso.

Assustado com o que acabara de ouvir, padre Hermínio acomodou o dorso no espaldar da cadeira e, com a ponta dos dedos, ajustou a clélima. Em seguida, quis saber do carteiro se havia escutado bem. Novamente, o carteiro repetiu que ele, padre Hermínio, estava na iminência de ser preso. Sem esperar pela reação do padre, o carteiro abriu a sacola dos Correios e retirou o envelope com a carta do Major. Abalado com a mensagem, padre Hermínio disse que nunca se envolvera em assuntos de política, mas não negava sua admiração pela pessoa do interventor. Nervoso, lembrou-se de ter comprado, numa loja de Munique, um conjunto de lentes Zeiss para o telescópio. A encomenda chegou em um navio da *Booth Line* e que, pessoalmente, fora apanhá-la em Parnaíba, mas isso foi antes de o Brasil romper as relações diplomáticas com

Edson Silva

a Alemanha de Hitler. Pelo vinco no rosto de padre Hermínio, o carteiro avaliou o quanto a leitura da carta o deixou tenso. E súbito, teve uma ideia ousada: falsificar a carta do major.

Na contrafacção da assinatura do major, Zeferino gastou mais de uma hora. Padre Hermínio aproximou a carta contra a luz do candieiro e concluiu que nem mesmo o major seria capaz de negar a autenticidade da assinatura. Para recompensar o carteiro, padre Hermínio pôs-lhe nas mãos para mais de um conto de réis. Ofendido, o carteiro devolveu o dinheiro. De saída, disse que só abria as correspondências alheias para ajudar as pessoas necessitadas, que jamais se valera do bico da chaleira para obter vantagens pessoais.

pedra negra

NO DIA seguinte ao enterro do major, o som de um dobrado fúnebre se espalhou por toda a cidade. Era o protesto dos sineiros à confissão pública de padre Hermínio. Para sempre, a cidade fechou-lhe as portas. E no horizonte, qual num devario, a imagem da Serra de Santo Antônio assemelhava-se ao Gólgota.

Ao tempo em que colocava as malas na carroça, padre Hermínio escutou a voz dos sinos anunciando sua morte para Campo Maior. Pouco depois do almoço, frei Heliodoro apareceu com o sacristão para apanhar as peças

Helian Silva

da igreja. Como de hábito, ao cruzar a soleira da porta da rua, frei Heliodoro fez uma das saudações de São Francisco de Assis:

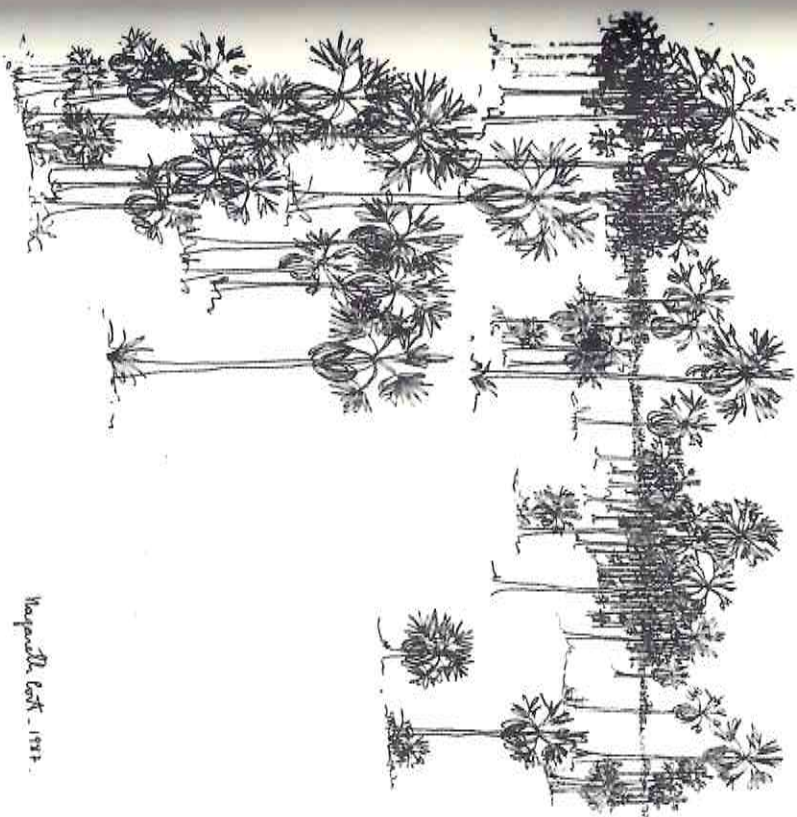
- A paz esteja nesta casa.

Sem dar importância à saudação, padre Hermínio entregou de volta os paramentos e as alfaias da igreja. Notando que ele estava deveras vexado, frei Heliodoro pediu para ouvi-lo em confissão, mas não logrou êxito:

- Está por nascer o homem que me ouvirá novamente em confissão.

Inconformado com a resposta do ex-pároco, que já não mais conservava a tonsura, frei Heliodoro ousou perguntar-lhe se não se arrependia de seus pecados, se não temia os horrores do inferno. Após um silêncio demorado, padre Hermínio respondeu:

- *Infra equinoxialem non peccatur.*



Magalhães, 1897.



Apoio Cultural:

Obras do Autor

- *16 poemas* (Edições Des Livres, 1995)
- *As formas incompletas: apontamentos para uma biografia* (Oficina da Palavra/Instituto Dom Barreto, 2005)
- *Representação e identidade cultural do vaqueiro no cinema novo* (Editora Nova Aliança, 2010)
- *Cambacica* (Editora Nova Aliança, 2011)